

DISCURSO MEDALHA SANTO IVO PARA PAULO SABOYA

29/10/09

Mais uma vez posso dizer, sem exageros de orador, que hoje é um dia de festa e de luta nesta Casa de Advogados.

Hoje, Paulo Saboya, presente em nossos corações e nos sentimentos desta Casa, aqui está para receber, num encontro de imortais, a visita do advogado Ives de Lesbaupin, o Santo Ivo, padroeiro dos advogados.

O advogado Ives, que aqui chega com a face celestial recortada em uma medalha, vem de longe e de velhos tempos. Vem da Bretanha, do norte da França, numa caminhada que teve início no século onze, no ano de 1253.

Era nobre e já aos 14 anos foi sagrado Cavaleiro do Santo Sepulcro na Catedral de Tréguier, sua cidade natal, nos ritos severos das Ordens de Cavalaria. Foi então que prestou o juramento de ser a fortaleza dos fracos, dos humildes, dos pobres e necessitados.

Armado Cavaleiro foi para Paris. Naturalmente morou na Rive Gauche, freqüentava a igreja de Saint Severin e assistiu aos toques finais da construção da Notre Dame. Claro, estudou na Sorbone e teve como professores, entre outros, Santo Tomás de Aquino e São Boaventura, doutores da Igreja. Cursou Direito Canônico e Direito Civil. E Filosofia e Teologia. Certamente especialista na Summa Theologica.

Formado, voltou para a Bretanha natal, foi juiz de tribunais eclesiásticos e advogado dos miseráveis e desamparados da sorte. Participou de julgamentos memoráveis que ficaram para a história do direito, fundou a primeira associação de advogados para defesa dos pobres, viúvas, órfãos e estudantes sem recursos, associação que se transformou depois no "Barreau", a ordem dos advogados da França.

Como juiz criou na prática a obrigatoriedade da tentativa de conciliação e a ele se atribui a autoria da máxima "**Un mauvais accord vaut mieux qu'un bon procès**". E ainda criou a justiça gratuita para os necessitados.

Ainda em vida, muito cresceu por toda a Europa sua fama de advogado, juiz e religioso. Sua vida era tão exemplar que se contava que dormia sobre uma tarimba e tinha por travesseiro uma pedra.

Morto, cresceram as lendas e as histórias, as festas e homenagens. 19 de maio, seu dia, é de festa em muitos lugares, com missas, cânticos e louvores.

A liberdade necessária para o pleno exercício da advocacia diante das permanentes ameaças da repressão em todos os tempos, deu aos advogados a imagem mítica de um ser dotado de poderes mágicos que alimentam uma grande história, mas também um vasto anedotário, que deve ser lembrado nas grandes festas.

Foi assim que o grande mestre do humorismo na imprensa brasileira, Aparício Torelly, o Barão de Itararé, contou a história deste advogado da Bretanha.

O advogado morreu e no mesmo instante o Senhor dos céus chamou o Porteiro de seus domínios e ordenou: "Pedro, acaba de morrer um advogado na Bretanha, chamado Ives, e, como sabe, aqui não entram advogados. Ele não pode entrar."

O Porteiro voltou ao seu posto e lá já encontrou o falecido advogado pedindo para entrar. Quando informado de que sua entrada era proibida, começou a argumentar perguntando se havia alguma ordem escrita, alguma lei da eternidade, algum regulamento. Pedro apenas dizia que era uma ordem do Senhor e nada mais. Não pode entrar.

O advogado sentou-se do lado de fora dos terrenos do Senhor, e ali ficou.

Passado algum tempo, puxou conversa e perguntou: "Pedro, você trabalha aqui há muito tempo? Tem contrato? Tem garantias? Ele não pode botar outro porteiro em seu lugar?"

O Porteiro tremeu, mas disfarçou, fingiu que nada ouviu. Bateu a porta. Mas foi falar com o Senhor: "Senhor, eu estou há tanto tempo neste serviço, tenho a sua confiança, acho que sou um bom servidor, mas não tenho nenhuma garantia."

O Senhor o interrompeu: "Pedro, já sei. Você andou falando com aquele advogado. E ele vai virar sua cabeça. Traga ele para cá. Vou colocá-lo naquela sala isolada onde ele nunca mais vai poder falar com ninguém."

O advogado Ives de Lesbaupin foi confinado na tal solitária.

Passou um tempo celestial.

Depois apareceu um novo Santo no céu. **Santo Ivo, Padroeiro dos advogados.**

Santo Ivo provou que é possível ser santo e advogado.

Mas Santo Ivo está sempre presente, nos cânticos religiosos, nas homenagens e nas lendas.

Conta-se nas noites das Minas Gerais que há em Ouro Preto uma igreja franciscana que tem não uma imagem, mas uma tela a óleo muito antiga de Santo Ivo. E alguém descobriu, numa noite mineira plena de história e sonhos, que o rosto retratado naquele quadro de Santo Ivo era de fato o rosto do poeta, advogado, juiz e inconfidente Cláudio Manoel da Costa.

Aquele inconfidente que morreu na prisão antes do julgamento estava ali disfarçado de Santo Ivo, seu patrono e protetor. Protegido contra prisões e confisco e até livre da força.

E ficou nas alterosas a certeza cristã de que Santo Ivo também esteve na Inconfidência ao lado do Tiradentes com o rosto do poeta e advogado Cláudio Manoel da Costa.

Dois séculos depois, aqui no Rio de Janeiro, policiais da DOPS prenderam na Rua Silveira Martins, no Catete, dois frades dominicanos que estavam engajados na luta contra a ditadura e militavam na Ação Libertadora Nacional – ALN, de Carlos Marighella, e os levaram para o CENIMAR, ali no Arsenal de Marinha, onde o entregaram ao sempre lembrado delegado Fleury.

Os presos eram os frades Ivo Lesbaupin e Fernando de Brito.

Ali mesmo no Arsenal de Marinha foram ambos despidos e colocados no pau de arara, ligaram os eletrodos nas orelhas e nos órgãos genitais e alternavam choques elétricos com porretadas.

Três anos depois foram afinal julgados e condenados, juntamente com outros com Frei Betto, à penas de 4 anos de reclusão.

Agora já não mais uma lenda mineira, mas um fato da história e a coincidência do nome. Mas Ivo de Lesbaupin estava ali.

Já tivemos o rosto nos mistérios da Inconfidência, o nome na realidade da ditadura e agora temos novamente a face gravada no metal da medalha.

E Santo Ivo põe a sua medalha no peito de Paulo Saboya.

É o encontro histórico dos que sempre lutaram contra a miséria, a fome e a desesperança.

Nos idos de março de 64, o ainda estudante Saboya era diretor do Sindicato dos trabalhadores da fábrica de borracha sintética da Petrobrás - FABOR, o Conjunto Petroquímico Presidente Vargas, e participava da direção do movimento de greve dos trabalhadores do petróleo, que acreditavam candidamente que iam impedir os militares golpistas de tomarem o combustível para seus tanques e caminhões.

Doce ilusão dos jovens combatentes da democracia e da liberdade, que ignoravam totalmente que o chefe civil do golpe, governador de Minas Gerais, já tinha estocado há meses em seu estado combustível suficiente para abastecer as tropas golpistas em uma longa luta.

Pior ainda, não sabiam também que naquele momento histórico já entrava no Atlântico Sul a VI Frota norte-americana como integrante da chamada Operação Brother Sam, que entre os navios de guerra trazia petroleiros suficientemente carregados para sustentar uma longa guerra, como foi confessado muitos anos depois pelo embaixador americano Lincoln Gordon.

Depois da derrota, a longa noite da ditadura.

Vida clandestina, prisões, fugas, exílios e a luta pela redemocratização.

E a construção da vida de advogado, a entrada na OAB, as primeiras batalhas, no foro e nas ruas. Nos processos dos clientes e nos atos públicos pela democracia.

Nessa luta, amadurece o espírito, ganha mais forças e pode sempre avançar de peito aberto, vivendo a lição que aprendeu nas ruas e nas aulas do Colégio Melo e Souza, pelos versos do poeta fundador da língua, que lhe passou nos Lusíadas a primeira lição de Aníbal para enfrentar as grandes lutas:

“A disciplina militar prestante

Não se aprende, Senhor, na fantasia,

Sonhando, imaginando ou estudando,

Senão vendo, tratando e pelejando.”

E é assim, pelejando, que participou de todas as lutas políticas, na ditadura e nesta difícil construção da democracia.

Na presidência do Tribunal de Ética da OAB e do Instituto dos Advogados esteve sempre de peito aberto para a luta e a defesa da opinião. Opinião naquele sentido mágico que aprendeu nos versos famosos de seus antigos clientes Zé Kéti e João do Vale, pela voz daquela sua colega de Colégio Melo e Souza, Nara Leão:

“podem me bater, podem me prender, que eu não mudo de opinião”

“Mais coragem do que homem

Carcará

Pega, matá e come.”.

Não bastassem todas essas lutas passadas, presentes e futuras, ainda se achou como torcedor do América, o que parece ser um castigo daquele anunciado por Manuelzão, dos delírios de Guimarães Rosa, “Quem castiga nem é Deus, é os avessos.”

É assim que os combatentes se encontram: a medalha na moldura de um peito.

A lição de Paulo Saboya permanece.

Hoje a luta não é menor.

Tudo que aconteceu na ditadura deve ser lembrado para não acontecer de novo.

A defesa de qualquer preso é sagrada. A figura do preso deve ser protegida todo tempo. Algemas não devem ser usadas para exibição pública. O preso não pode ser exposto para a mídia.

O escritório do advogado é inviolável.

A anistia há de ser sempre defendida. Os que foram a favor do golpe militar, os que defenderam a ditadura foram e continuam sendo contra a anistia.

Para essa luta interminável, Paulo Saboya esteve pronto e de peito aberto.

Diante de cada desafio, estou certo que ele dirá como manda o poeta da sua geração, Chico Buarque:

“Vou para a rua e bebo a tempestade.”

Humberto Jansen Machado, Orador Oficial do IAB, Discurso proferido na ocasião na Sessão Solene de entrega da Medalha Santo Ivo, outorgada *post mortem* pelo Colégio de Presidentes dos Institutos dos Advogados do Brasil ao Presidente PAULO EDUARDO DE ARAÚJO SABOYA, em 29/10/2009.